

# Índio também é bom de bola?

Fernando de Luiz Brito  
Vianna

Índios que praticam futebol não são nem uma grande novidade nem um caso isolado. Em abril do ano passado, realizaram-se os "Primeiros Jogos Abertos Indígenas do Mato Grosso do Sul". Participaram cerca de 300 índios das nações Guarani, Guató, Caiuá, Ofayé, Terena e Kadiweu. Neste evento o futebol apareceu como modalidade de destaque. Talvez este esporte tenha empolgado mais os índios atletas e a platéia da competição do que os próprios jogos de tradição indígena, como o arco e flecha e o arco pyaka com bodoque.

Hoje em dia, são raras as tribos indígenas brasileiras que vivem isoladas do mundo dos brancos. Assim, não cabe imaginar que eles tenham um modo de vida completamente diferente do nosso. Atualmente, muitos índios usam roupas, ouvem músicas norte-americanas que tocam nas rádios e assistem televisão. No país do futebol, não se deve estranhar que eles, como nós, também gostem deste esporte.

Para muita gente, índios assim não são mais índios, eles estariam "aculturados". Só pensa desta forma quem está distante dos índios.

Se essas pessoas procurassem conviver, conversar um pouco com os índios, talvez pudessem entender que eles próprios não acham que usar roupa ou jogar futebol significa não ser índio. Então, por que deveríamos dar mais importância às nossas idéias a respeito dos índios do que ao pensamento deles sobre eles mesmos?

Conhecer os povos indígenas dos dias atuais é entender como as suas culturas originais, tradicionais, entram em contato e reelaboram os diversos elementos da cultura dos não-índios, entre eles o futebol.

Fernando de Luiz Brito Vianna é graduado em Ciências Sociais e desenvolve pesquisas sobre os índios Xavantes

## A aldeia de Sangradouro

A aldeia de Sangradouro situa-se no interior da "Área Indígena Sangradouro/Volta Grande". Ela conta com 100.280 hectares, em espaço pertencente aos municípios matogrossenses de General Gomes Carneiro e Poxoréu.

A população total da área, em 1987, era de 1.107 pessoas e, a da aldeia de Sangradouro, é estimada, atualmente, em cerca de 400 habitantes, entre adultos e crianças. (FLBV)

## O futebol na aldeia Xavante de Sangradouro

Os xavantes de Sangradouro, de fato, jogam muito futebol. Todos os dias, ao final da tarde, um grupo de homens, adolescentes e adultos, reúne-se para um "bate-bola" de futebol-de-sala a uns quinhentos metros do núcleo de casas da aldeia. Ao longo do dia, também os meninos divertem-se chutando bola ou mesmo um saco plástico recheado de jornal ou pano, nos espaços entre as moradias. As mulheres de todas as idades, pelo que pude ver, mais assistem do que praticam o futebol.

Além disso, na aldeia, há um futebol mais organizado. Anualmente, realiza-se o campeonato da "Federação da Reserva Indígena Sangradouro". O campeonato tem tabela, regulamento, fichas de inscrição de atletas, súmulas de jogos, arbitragem e sistema de transferência de jogadores (negociação de "passes"), tudo em moldes bastante semelhantes aos que estamos acostumados. No entanto, para entender a organização dessa competição não se deve exagerar no apego às regras escritas. Esse apego não faz parte do modo xavante de vida e, muitas vezes, o que está escrito pode ser mudado, a juízo daqueles que mandam no campeonato.

de respeito por aqueles que os índios chamam de nossos velhos.

Os velhos de Sangradouro vêem com certa cautela o gosto dos mais jovens pelo futebol. Não procuram impedir que se pratique o esporte o esporte, mas tentam fazer com que os jovens não se esqueçam nunca das tradições xavantes. Assim, existem algumas normas que devem ser seguidas por aqueles que querem jogar futebol.

Em primeiro lugar, só podem participar dos campeonatos os índios que participam, também, com certa frequência, dos rituais e festas da comunidade. Em segundo lugar, não se permite que nenhum jogador entre em campo se não estiver com o cabelo cortado no estilo típico xavante. Além disso, o uso de bebidas alcoólicas e de tabaco é proibido, imediatamente antes, durante e logo após os jogos.

Essas pequenas regras parecem, à primeira vista, banais. Mas se pensarmos, sem preconceitos, sobre o seu significado, elas podem ajudar a entender como a prática futebolística xavante está acompanhada de uma reflexão crítica, por parte dos velhos, em torno daquilo que, no mundo dos brancos, é bom e

pode ser incorporado, em contraposição ao que é ruim e deve ser evitado.

Desse modo, quando observamos o futebol xavante mais de perto, podemos entender que ele não é um simples sinal de "aculturação". Ele revela que os índios pensam sobre o que lhes vem do contato com a sociedade dos não-índios, e escolhem o que querem para si. O abuso do álcool e do cigarro, por exemplo, parece ser um hábito dos brancos que deve ser rejeitado. O esporte, pelo contrário, é visto pelos índios como algo positivo, que além de ser bom para eles mesmos, pode funcionar como um canal saudável de diálogo com os brancos.

Um dos chefes da aldeia considera errado os jovens jogarem futebol e se esquecerem das festas, rituais e danças tradicionais, porque o futebol é uma coisa dos brancos e não dos índios. Mas ele também acha que os xavantes, daqui a muitos anos, podem deixar-se no futebol, se jogarem "com força, com energia". Ele conclui que o futebol poderá servir, então, como forma de afirmar e de valorizar a identidade do povo xavante, no grande jogo político com o mundo dos brancos. (FLBV)